

Germanismo e germanidade: imaginário e realidade

René E. Gertz

O título sugere uma ideologia (germanismo) e seus efeitos práticos (germanidade), agregando, eventualmente, temas como identidade (étnico-cultural ou nacional), memória (individual ou coletiva). Mas, ao contrário do usual, não se começará com a definição do objeto nem com um arrolamento ou uma resenha de tudo aquilo que foi escrito a respeito. No caso de uma revisão bibliográfica, não há dúvida de que o maior espaço deveria ser dedicado a Giralda Seyferth (1981, 1988, 1990, 1994a, 1994b), antropóloga com extensa produção sobre o assunto.¹ De forma pouco ortodoxa, se fará referência a apenas três autores cuja produção é menos conhecida, ainda que mais recente, para evidenciar problemas com que nos deparamos, numa abordagem da questão, evidenciando cuidados imprescindíveis, para evitar conclusões apressadas. É que, mesmo recorrendo a dados quantitativos sobre níveis de miscigenação biológica ou índices de manutenção da língua do país de origem, tanto o senso comum quanto cientistas sociais correm o risco de sucumbir à

¹ Ao contrário da catarinense Giralda Seyferth, o autor deste texto possui uma familiaridade maior tanto em relação à história quanto à historiografia sobre alemães e descendentes no Rio Grande do Sul, tendo destacado que há diferenças de inserção dos mesmos neste estado e em Santa Catarina (este último já teve, por exemplo, onze governadores titulares de sobrenome alemão, desde a proclamação da República, enquanto aquele ainda não teve nenhum). Misturam-se aqui, porém, sem distinção, dados e estudos catarinenses e sul-rio-grandenses, com plena consciência de que “alemães”, “germanismo” e “germanidade” também existem em outros estados brasileiros.

interferência demasiada da subjetividade, quando abordam o tema.²

Sobretudo em relação ao primeiro estudioso, trata-se de uma referência crítica – não no sentido de falar mal ou insistir em supostos ou efetivos erros, quando não maldades, mas, sim, no sentido do verbo grego *krínein*, que significa “distinguir, avaliar aquilo que é decisivo” – aqui, *distinguir, avaliar* aquilo que o autor destas linhas pensa em relação àquilo que está no texto em discussão, mas isso num ato de respeito a trabalho alheio que soa “diferente”. Trata-se de uma tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, por Sérgio Bairon Blanco Sant’Anna (1991).

Para classificar o trabalho como *sui generis*, não se precisa mergulhar profundamente no texto, basta atentar para algumas exterioridades.³ Ao longo da tese, o verbo *denegar* aparece com frequência, fato coerente com o adjetivo *palinódico* do título, o qual o autor, aparentemente, pressupôs como amplamente conhecido e usual no linguajar cotidiano e científico, pois, em todo o trabalho, não há uma “parada” para defini-lo. Acontece que *denegar* parece aplicável ao próprio autor em relação à sua obra. A tese se encontrava acessível para consulta na biblioteca da USP,

² Atente-se para o fato de que espanhóis foram o terceiro maior grupo nacional a migrar para o Brasil, entre a Independência e a Segunda Guerra Mundial, totalizando cerca de um terço do número de italianos, e bem mais que o dobro de alemães. No entanto, até um passado recente, referências a eles, tanto no senso comum quanto na historiografia, eram escassas. Em contrapartida, um grupo relativamente pequeno, como o de judeus, foi referido com frequência, tanto pela historiografia quanto pelo senso comum. O problema da subjetividade sugere que, em relação a esse tema, talvez não fosse de todo contraproducente recuperar o princípio metodológico de Karl Popper – tentar refutar lógicas estabelecidas, “verdades” consagradas, em vez de se contentar com o arrolamento daquilo que, muitas vezes, são apenas aparências, indícios.

³ O próprio tamanho do texto é *sui generis*, pois é composto de 880 páginas, um volume que, na década de 1990, já não era mais usual nem na tradição da escrita de teses de doutorado na Europa.

mas era proibido fotocopiá-la, fato que sugere que o autor queria limitar sua circulação. No seu Currículo Lattes, ela é referida, mas fica claro que a difusão do conteúdo foi restrita, na forma de artigos e capítulos de livros. Na versão do currículo consultada em 28 de novembro de 2018, é referido um texto publicado num jornal, em 1986, e um artigo em uma revista, com data de 1988 (portanto, ambos antes da defesa da tese); com data posterior à defesa, aparece apenas um texto, nos Anais de um evento, em 1998. Sintomático é que o autor esqueceu (?) de arrolar um artigo efetivamente publicado na *Revista de História* da USP, em 1994 (SANT'ANNA, 1993/1994).⁴

Mesmo que o autor destas linhas não possua conhecimento sobre ou afinidade com a Psicanálise – o enfoque da tese –, pode-se arriscar a hipótese de que, talvez, ela explique a situação. Como se mostrará, o objetivo central da tese é apresentar um quadro de profundo mal-estar na região do vale do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Interessante é que esse mal-estar não está presente só no objeto, na coletividade estudada, mas se apossou do próprio pesquisador. Nos agradecimentos, lê-se: “A Leandro Karnal, colega e amigo, pelas várias incursões no mundo regional, [no] qual nos criamos e que várias vezes denegamos” (SANT'ANNA, 1991, p. 9 – grifo e colchetes acrescentados ao original). Esse “mundo regional” é o “mundo alemão” da citada região.

Com certeza, também seria interessante uma aproximação psicanalítica ao fato de que, na folha de rosto, o último sobrenome do autor aparece como “SanT’Anna” (atente-se para o “T”). Estará aí embutida uma tentativa de evidenciar uma ancestralidade “lusitana”? Inversamente, não deixa de chamar atenção o fato de

⁴ Deve-se destacar que, obviamente, não foi verificado o conteúdo de toda a produção intelectual do autor, mas os títulos não indicam que a temática da tese tenha sido retomada em outros textos, além dos já citados.

que a tese é dedicada a “Renata, Martin e Daniel”, talvez esposa e filhos. Digno de registro é que o segundo desses nomes possui decidida conotação “alemã” (quanto ao último, claro, não se sabe se é pronunciado Daniél ou Dániel). E a afetação do historiador por seu objeto de pesquisa está tematizada numa referência ao historiador Peter Gay: “O historiador psicanalista revela que sua autoanálise o direcionou às questões que revelaram a importância dos *fantasmas* inconscientes, enquanto compartilhados por significações culturais” (SANT’ANNA, 1991, p. 16 – o grifo está no original).

O autor faz restrições àquele que escreve este texto, ao tratar de germanismo, nazismo e integralismo, numa perspectiva da Ciência Social Histórica, afirmando em relação a suas fontes: “Muito mais numerosos [que a bibliografia produzida por historiadores profissionais] são os escritos puramente apologéticos ou acusatórios, que, porém, não têm qualquer valor analítico, e, em geral, não apresentam nenhum dado que possa ser aproveitado” (GERTZ, 1987, p. 25 – colchetes acrescentados ao original). O autor da tese discorda, argumentando que é justamente “com base nessa literatura que apresentaremos agora o universo simbólico da cidade de Novo Hamburgo, nos anos 1930” (SANT’ANNA, 1991, p. 558).

Não há nada a opor a essa perspectiva, pois constitui abordagem amplamente aceita na perspectiva da História Cultural. Mesmo assim, não se pode deixar de apontar para problemas dela derivados. O autor aponta, de forma correta, que avaliações positivas sobre imigrantes alemães e descendentes não foram formuladas apenas por eles próprios, mas que estavam presentes em setores significativos de uma elite pensante “tipicamente” brasileira – ainda que alguns desses pensadores

apresentassem posicionamentos ambivalentes⁵ –, que, em determinadas situações, porém, entraram em conflito irreconciliável. Mas existe uma possibilidade grande de que a impressão que o leitor terá após a leitura do extenso trabalho será a de que a “variável independente”, isto é, o cerne da questão, o elemento causal desencadeador de tudo isso sejam os “alemães”. Seyferth (1990) apontou, corretamente, para a existência de dois discursos (concepções) de nacionalismo mutuamente excludentes. E *ambos* são aquilo que são – mitos construídos –, de forma que é problemático querer “denegar” apenas um deles e, eventualmente, ignorar o outro.

Se formos para o último capítulo, em que o autor apresenta informações sobre a “campanha de nacionalização” contra os “alemães” do Brasil, nos anos 1930/1940, não há como negar que “nacionalizadores” brasileiros praticaram não só violências verbais, mas também *físicas* (SANT’ANNA, 1991, p. 680-768). Abstraindo-se de referências de Érico Veríssimo a violências *físicas* praticadas, *no Rio Grande do Sul*, por nazistas (vide nota abaixo), a historiografia as desconhece. Neste sentido, se, em vez do mal-estar “alemão” de que trata a tese, falarmos de situação doentia, uma avaliação objetiva deveria levar à conclusão de que essa “doença” se manifestou mais intensa entre “verdadeiros” brasileiros que entre os assim chamados “alemães” do vale do rio

⁵ Sylvio Romero (1906) é um dos exemplos mais emblemáticos, nesse sentido – ao mesmo tempo em que se pronunciava enfaticamente a favor da cultura e do elemento humano *alemães*, imaginava que um imigrante alemão deveria vir ao país falando português perfeito (e, aqui, nunca mais pronunciar uma palavra em alemão), estar com contrato de casamento assinado com uma negra, pois só assim a enorme energia por ele pressuposta na “raça” e na cultura germânicas seria injetada na sociedade brasileira, e a fertilizaria (Detalhes sobre esse aspecto da obra de Romero em SCHNEIDER, 2005, p. 155-189).

dos Sinos.⁶ E, assim, não está errado pressupor que uma pessoa psicanaliticamente afetada pelo “mundo alemão”, a tal ponto de denegá-lo, deveria, para ser coerente, também denegar, de forma expressa, o “mundo verdadeiramente brasileiro”, com, no mínimo, a mesma intensidade.

Estas poucas considerações, evidentemente, dão apenas uma pálida ideia do conteúdo da tese. Sua riqueza é inegável. As referências aqui apresentadas visaram, exclusivamente, a chamar a atenção para a complexidade do tema, para o fato de que não é fácil falar de forma competente, objetiva, isenta sobre ele.

Cerca de 17 anos após a apresentação dessa tese, foi escrita outra que, pelo título, sugere abordar um tema próximo – “a invenção do teuto-brasileiro” –, de André Fabiano Voigt (2008). E, de fato, assim é. Interessante é que este autor não faz qualquer referência ao anterior, de forma que se trata de um produto não “afetado” por aquele. Há diferenças entre ambos. Se Sant’Anna

⁶ Infelizmente, não há espaço para detalhar problemas que envolvem personalidades cantadas em prosa e verso, como exemplos de “brasilidade” que se contrapuseram à “germanidade”, cujo “bem-estar” (ou cuja “saúde” psicanalítica) sugere, porém, alguns senões. Na página 618 da tese, está citada uma declaração pública de Clodomir Vianna Moog, datada de 18 de junho de 1936, segundo a qual, “apesar da negligência dos poderes públicos na criação e manutenção de aulas públicas na zona colonial, nota-se que de geração em geração diminui o número de colonos que desconhecem a nossa língua (português). Isso prova que da parte deles não há nenhuma má vontade que justifique as leis coercitivas que se pretende impor”. Que condicionamentos psicanalíticos terão levado este mesmo Vianna Moog a publicar, apenas três anos depois, o demolidor romance *Um rio imita o Reno*, contra os “alemães” brasileiros e sua “germanidade” (MOOG, 1939)? O festejado escritor Érico Veríssimo, com certeza, também poderia ser psicanalisado. Conforme se mostrou (GERTZ, 2017), correram boatos, na época, de que ele teria dado os retoques finais no romance de Vianna Moog. Além disso, em suas próprias obras que tratam do período da Segunda Guerra Mundial aparecem personagens “alemães” que teriam agredido *fisicamente* judeus. Acontece que a pesquisa histórica desconhece, até este momento, casos concretos de tais ataques. Mesmo que não se possa descartar a possibilidade de que Veríssimo tenha tomado conhecimento de algum caso (ainda que sem registro em fontes conhecidas), ele pode ter *inventado* essa maldade contra os “alemães”. Pelo fato de que sua esposa Mafalda tivesse como sobrenomes de solteira Halfen Volpe, talvez não fosse de todo desinteressante analisar as consequências psicanalíticas desse fato para o romancista.

destacou como fonte importante de sua pesquisa manifestações do senso comum, os autores analisados por Voigt são – quase todos – acadêmicos, no sentido de que atuaram como professores/pesquisadores em universidades ou possuíam títulos concedidos por elas. Destacando que não se trata da tentativa de abordar a produção completa, “pretende-se investigar, nos próprios discursos, quais foram as decisões tomadas, os caminhos trilhados, as incoerências, as aproximações e distinções realizadas, as quais institucionalizaram um saber em torno do conceito de teuto-brasileiro” (VOIGT, 2008, p. VIII), e isso no período que começa com o final da Segunda Guerra Mundial. Trata-se, em princípio, de uma análise relativamente tradicional.

Algumas constatações chamam a atenção. O primeiro autor referido é Arthur Hehl Neiva. Como membro do Conselho de Imigração e Colonização, desde 1938, não há dúvida de que havia feito manifestações restritivas a alemães e descendentes. No entanto, mesmo antes de terminar a guerra, já se encontram manifestações mais condescendentes para eles. Outro “episódio” intelectual a destacar, neste contexto, foi a reconciliação entre o grande defensor da lusitanidade no Brasil, Gilberto Freyre, e um dos maiores defensores do germanismo no pré-guerra, Carlos Henrique [Karlheinrich] Oberacker Junior (1936). Se Freyre havia escrito, em torno de 1940, dois livros para combater manifestações de Oberacker Junior, aceitou escrever, agora, um prefácio elogioso para *A contribuição teuta para a formação da nação brasileira* (OBERACKER JUNIOR, 1968).⁷ Da mesma forma, são analisados clássicos sobre imigração alemã que haviam sido escritos em anos anteriores ou começaram a ser publicados no

⁷ Os dois livros de Freyre são: *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940; *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

pós-guerra, como os de Emílio Willems, Egon Schaden, Leo Waibel, Jean Roche.

Não interessa seguir as etapas seguintes, nas quais a produção arrolada adquiriu caráter cada vez mais acadêmico, incluindo detalhada avaliação da produção de Giralda Seyferth (VOIGT, 2008, p. 157-171). Em contrapartida, far-se-á uma tentativa de resumir uma característica que perpassaria toda essa bibliografia sobre o “teuto-brasileiro”, no pós-guerra, anunciada em diferentes passagens do estudo. A rigor, aquilo que teria reaparecido, naquele momento, não seria novo, pois presente, desde o início, na elaboração e implementação do projeto de imigração com alemães, isto é, sua contribuição para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, visto como prejudicado pela configuração de seu contingente populacional, no período colonial. Ao longo do percurso, esse projeto teria sido afetado por problemas “políticos”, como discussões sobre dupla nacionalidade, mas, sobretudo, pela situação criada com a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha. Debelado este último problema, a historiografia sobre alemães e descendentes teria retomado sua perspectiva original de destacar o papel do “teuto-brasileiro”, em exercer uma função importante na construção de um Brasil desenvolvido. Um pequeno trecho serve para ilustrar: “o conceito de teuto-brasileiro ganhará visibilidade de âmbito nacional e internacional”, ao se afirmar uma relação direta entre ele “e o desenvolvimento do sul no campo enunciativo das Ciências Humanas no Brasil”, processo que teria incluído a “remoção daquilo que não pode ser dito”, isto é, a presença de nazismo, nos anos 1930/40 (VOIGT, 2008, p. 105).⁸

⁸ Outra passagem característica está em Voigt (2008, p. 128): “O esquecimento do nazismo e dos movimentos políticos mais radicais de cunho racista na região sul, assim como a ênfase exacerbada na ética do trabalho, na lealdade e no conservadorismo entre

Como se espera de um trabalho acadêmico, ele faz ressalvas específicas a cada autor abordado.⁹ Aqui, porém, interessam restrições gerais ao conjunto da produção analisada na tese. Uma frase, nas considerações finais, é significativa:

O caso do conceito de teuto-brasileiro é apenas uma pequena demonstração de como, no largo interstício aberto entre a política e a cultura, as várias etnicidades se inserem, formando a simpática ideia do “mosaico cultural” plural, no qual cabem ao elemento teuto radicado no Brasil as grandes “contribuições” da ética do trabalho, da assiduidade, da religiosidade, da obediência às leis e às hierarquias, do associativismo, do desenvolvimento, da salutar conservação de suas tradições, de seu idioma, enfim, de sua cultura (VOIGT, 2008, p. 191-192).

Enquanto Sérgio Sant’Anna *denegou* o “mundo alemão” de sua terra-natal, Novo Hamburgo, André Fabiano Voigt, no mínimo, *distanciou-se* do “teuto-brasileiro”, construído por setores da historiografia brasileira posterior à Segunda Guerra Mundial. Mas foi além, fazendo restrições gerais a todo tipo de construção de identidades. Vejamos:

Desta forma, é relevante destacar que o assunto abordado nesta pesquisa é apenas um exemplo do que vem sendo operacionalizado nos tempos atuais a respeito de todas as políticas de inclusão e de vitimização, novas tecnologias de supressão da política ... Estas estratégias são armas muito

os descendentes de alemães no país, marcam um momento singular na constituição do conceito de teuto-brasileiro como uma realidade cultural comprovável e politicamente aceitável, devidamente incorporada ao pacífico ‘mosaico cultural’ da nação brasileira”.

⁹ Considerando que Giralda Seyferth é a mais conhecida clássica em relação ao tema, permito-me transcrever um pequeno trecho que se refere à produção dela: “A caracterização do nacional-socialismo como apenas um fato histórico da história da Alemanha, o qual deve ser isolado de qualquer eventual relação com a cultura alemã, é a *conditio sine qua non* para a inscrição enunciativa dos argumentos de Seyferth no debate acadêmico acerca do teuto-brasileiro, apesar da autora sustentar que a ideologia étnica teuto-brasileira foi definida a partir de ‘critérios apropriados do nacionalismo alemão” (VOIGT, 2008, p. 164).

úteis para governar populações, esfaceladas em identidades culturais (teuto-brasileiro, afro-brasileiro, etc.), sexuais (mulheres, gays, lésbicas, transgêneros, etc.), etárias (criança, adolescente, idoso, etc.), socioeconômicas (ricos, pobres, miseráveis, classe média, etc.), todas distanciadas de suas capacidades políticas, levadas a crer que a única alternativa restante é a concessão de privilégios, que as infantilizam e as distanciam ainda mais de uma participação ativa em todos os setores da sociedade (VOIGT, 2008, p. 193-194).

Apesar de tratar-se de dois autores que, aparentemente, não se conhecem, fica claro que ambos encaram com reservas o objeto de suas pesquisas. Nesse sentido, não será desproposital referir, de forma rápida, mais um jovem pesquisador, que, de maneira expressa, confessa algum grau de envolvimento afetivo-positivo com germanismo e germanidade por ele investigados. Trata-se de Lucas Voigt (2017), o qual, desde seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Ciências Sociais, na UFSC, até o projeto de doutorado, denota envolvimento com a “causa”.¹⁰ Por ter sido publicado em livro – e pela escassez de espaço, neste texto –, serão referidos apenas alguns aspectos do TCC. É verdade que se trata, basicamente, de um estudo teórico que se propõe a exemplificar problemas e armadilhas da memória, mas os casos apresentados envolvem depoimentos de familiares do autor, todos descendentes de alemães, como o próprio. Aquilo que interessa é que, em alguns momentos, o pesquisador confessa ter extrapolado sua função de entrevistador, “pressionando”

¹⁰ Segundo o próprio autor, desconhece qualquer grau de parentesco com André Fabiano Voigt. Sua dissertação de mestrado, defendida também na UFSC, chama-se *O espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: um estudo de sociologia da cultura e das elites* (VOIGT, 2018). O título provisório do projeto de doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é “As estratégias de consagração social de elites empresariais ‘alemãs’ no Brasil mediante a construção de instituições de memória: um estudo de sociologia das elites”.

depoentes a revisar afirmações, uma intervenção que ajudou a “aliviar” ou a “reduzir” eventuais atribuições desabonadoras contra determinados “alemães”. Assim, quando sua avó afirmou que seu sogro (bisavô do autor) teria sido nazista, inclusive “soldado de Hitler”, Voigt chama a atenção dela para o fato de que há problemas nessa afirmação, pois o bisavô, acima de qualquer dúvida, veio para o Brasil em 1924, nunca voltou para a Alemanha, e a foto que a família possui dele, em uniforme militar, é do começo do século XX, do tempo do Império alemão, de forma que não tem nada a ver com Hitler.

Em certo momento, o autor expõe seu posicionamento pessoal frente à pesquisa: “a argumentação delineada a seguir é o resultado da articulação entre um esforço pessoal de verificação de um fato significativo à minha própria memória e identidade, e um interesse teórico que se propõe a analisar cientificamente os processos de construção da memória” (VOIGT, 2017, p. 88).¹¹ Uma das conclusões do trabalho é a de que “nas memórias desses descendentes está implícita a ideia de um ‘povo’, de um *Deutschtum* – uma germanidade – que pertence a todos os indivíduos que possuam uma origem e uma etnicidade alemã” (VOIGT, 2017, p. 149). Que o autor não sente desconforto com essa germanidade fica claro em várias passagens do texto – só cito algumas poucas: ele escreveu que “o processo de obtenção da cidadania alemã, que vivencio há alguns anos, também contribuiu para a definição do tema da pesquisa”; o livro foi dedicado “à memória de meu avô Granit Boelling, brasileiro e meu maior exemplo de germanismo”; e a dedicatória aposta ao exemplar com

¹¹ “Como já discutido, eu procuro integrar a narrativa de Irene [a avó] à minha própria construção histórica e memórica sobre a família Boelling, em busca de coerência” (VOIGT, 2017, p. 108).

que me apresentou termina com “saudações germânicas” (VOIGT, 2017, p. 17, 7 e 1, respectivamente).

*

A apresentação de fragmentos de trabalhos de três autores sobre germanismo/germanidade visou, unicamente, a apontar para dificuldades em lidar com o assunto. Se fossem arrolados outros autores, novos problemas surgiriam. Isso sugere que se deve ser modesto e cuidadoso em abordá-lo. Consciente dessas dificuldades, segue, a partir deste momento, uma tentativa relativamente tradicional de abordagem, basicamente composta de exemplos históricos. Antes, porém, cabem duas observações preliminares.

Primeiro, sobretudo por aquilo que escreveram os dois primeiros autores, poderia imaginar-se que o objeto em questão é pura ficção, pois se o “teuto-brasileiro” é uma construção, outras palavras para designá-lo – como “alemães”, por exemplo – também deveriam ser pressupostas como criação puramente ficcional, existente apenas *na cabeça* de seus usuários. Na verdade, a situação não é tão simples assim. Quando se trata de dados estatísticos sobre doenças no Brasil, a entidade “alemães” possui uma concretude bastante objetiva, real: ela apresenta os maiores índices de câncer de pele do país, sobretudo em estados mais ao norte. Mas a situação não é de todo diferente para as ciências humanas. Tenho falado em *contradictio in adiecto* quando cientistas sociais perguntam por que, ou mesmo, manifestam inconformidade diante da eventual constatação de que “alemães” [óbvio, cidadãos brasileiros] se consideram “alemães”. Neste caso, o próprio questionador não se dá conta de que está referindo como natural, inquestionável, objetiva a existência de uma

entidade populacional que ele mesmo designa como “alemães” – e a pergunta que fica é por que os próprios não deveriam pressupor-se como tais, se o “mundo envolvente” os pressupõe com naturalidade, e proclama sua existência?¹²

Segundo, por aquilo que eu mesmo escrevi no primeiro parágrafo deste texto, pode parecer que por “germanismo” se deva entender uma doutrina ou ideologia, e que “germanidade” seria o resultado dessa pregação. Mas não é tão simples assim. Na Língua Alemã, existe apenas uma palavra para tudo isso: *Deutschtum*. E *Deutschtum* pode ser um discurso, uma doutrinação que têm por objetivo enaltecer a “raça”, o “sangue” e a cultura “alemães”. Essa mesma palavra, no entanto, também pode ser empregada num sentido neutro, para designar a entidade populacional referida, isto é, o conjunto de pessoas de origem alemã – no caso, aqui no Brasil. Arthur Blásio Rambo (2005), ao traduzir o livro comemorativo do centenário da imigração alemã para o Rio Grande do Sul, *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*, de 1924, optou por traduzir esse título por *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*. Sem ter feito uma exegese desse texto, arrisco a opinião de que a palavra *Deutschtum* (germanidade), no título, pode ser interpretada em ambos os sentidos. Não há dúvida de que os editores do livro queriam

¹² Outro aspecto, de alguma forma, relacionado, é que – apesar da alegada mudança para positivo do conceito de “teuto-brasileiros” ou “alemães” – a imputação de maldades inatas a essa entidade populacional, como acontecera no contexto da Segunda Guerra Mundial, continua muito difundida. Assim, a pressuposição de que os responsáveis por aquilo que se costuma etiquetar como “neonazismo”, neste país, sejam os “teuto-brasileiros” ou alemães está amplamente difundida. A força dessa convicção (e, portanto, da pressuposição de que eles realmente existem) está tão arraigada que, alguns anos atrás, o então procurador da República em Lajeado (RS), quando soube da pichação de suásticas numa rodovia em Teutônia, declarou que populações originárias de “colonização germânica” apresentam uma *tendência* ao “neonazismo”, e desencadeou uma “desneonazificação” em todo o vale do rio Taquari, durante dois anos (GERTZ, 2012, p. 106-125).

homenagear, enaltecer a população de origem alemã. Mas, por outro lado, o volume é rico em informações objetivas sobre essa gente, sugerindo que também se pretendia reunir dados – em grande parte quantificados – sobre ela.¹³ Apesar desses senões, se utilizará, neste texto, a expressão “germanismo”, para designar referências ao “caráter alemão”, enquanto *germanidade* pretenderá designar uma realidade que evidencia traços demográficos, materiais e culturais *alemães*.

Vamos, então, a algumas considerações sobre *germanismo* e *germanidade*, especificamente no espaço geográfico do Estado de Santa Catarina e do Estado do Rio Grande do Sul. A América é um continente em que culturas existentes foram exterminadas, para a implantação de outras, e, por isso, predominou a concepção de que qualquer pessoa, de qualquer procedência, podia candidatar-se a cidadão das novas entidades nacionais criadas. É daí que deriva a ideia do *ius soli*, por exemplo, o direito de cidadania para todos aqueles que nasceram nos respectivos territórios nacionais. Em contrapartida, na Europa estava mais difundida a concepção do *ius sanguinis*, isto é, que pertenciam à respectiva unidade nacional aqueles que tinham o “sangue” e a cultura predominantes. Claro, esta concepção apresentava nuances diferenciadas de região para região. Sem entrar em detalhes, parece que a ideia de pertencimento derivado de *sangue*, de *tribo*, estava mais difundida na Europa Central e Oriental – incluindo a Alemanha – que em países mediterrâneos. A discussão brasileira dos anos 30/40, do século XX, sobre o caráter inclusivo da

¹³ No título da tese de doutorado de João Guilherme Biehl (1996a), o termo “germanismo” talvez possua uma conotação um pouco diferente (*Jammerthal, the Valley of Lamentation – the Mucker war: a contribution to the history of local germanism in 19th century southern Brazil*). Num outro pequeno texto, da mesma época, o autor referiu-se a “uma tribo que pensa e negocia em alemão” (BIEHL, 1996b).

lusitanidade, em contraposição ao caráter exclusivo da *germanidade*, pode ter derivado, em algum grau, dessa realidade. Mas seu potencial explicativo para a manutenção da *germanidade* por aqui apresenta limitações, se levarmos em conta que sobre alemães emigrados para os Estados Unidos há, justamente, referências recorrentes de que abandonavam, de imediato, sua *germanidade*, e se tornavam “americanos” – o Schmidt, de uma hora para outra, virava Smith, o Trumpf virava Trump, e nunca mais falavam alemão.¹⁴

Por essa razão, é necessário agregar outros fatores – e perguntar por que aqui não foi igual? E um desses fatores, certamente, é o ecológico, a distribuição geográfica de imigrantes e descendentes no território brasileiro. O projeto de colonização com alemães (mais tarde, italianos e poloneses) no Sul se deu em regiões de relativo vazio populacional, onde foram amplamente majoritários, e exerceram o predomínio social (sobre eventuais “caboclos”, índios, negros), de forma que não eram desafiados a esquecer ou apagar sua germanidade. Dessa forma, cumpriu-se a máxima de Max Weber, no sentido de que, por natureza, o homem gostaria de continuar vivendo assim como sempre viveu. E, assim, mantiveram-se não só traços culturais, mas inclusive físicos decorrentes da endogamia.¹⁵

¹⁴ É evidente que existe uma coisa chamada *assimilação*, mas não se pode esquecer que os próprios *assimilados* podem “mudar de ideia”, e tentar recuperar suas *origens*; também os “outros” (o mundo envolvente) podem ter interesse em denunciar essas *origens*. Neste último sentido, na Alemanha nazista, havia pessoas de sobrenome tipicamente alemão, que não tinham qualquer noção de que seus antepassados foram judeus – e mesmo assim, os nazistas fizeram pesquisas para revelar suas *origens*, para, eventualmente, levá-los às câmaras de gás.

¹⁵ Não é possível desenvolver esse ponto, mas cabe lembrar que a hegemonia socioeconômica-cultural e política fez com que, às vezes, outras *minorias* se “germanizassem” – a existência de negros que só falavam alemão nas “colônias” faz parte do folclore local. Também tenho brincado com a ideia de que, em nenhum lugar do mundo, um rapaz casadoiro encilha, num sábado à tarde, seu cavalo para ir a um baile a

Mas esse argumento igualmente apresenta senões, pois é inegável que, em grandes cidades brasileiras – aqui se pensa, especificamente, em Porto Alegre –, algo como o *melting pot* norte-americano também ficou limitado, tendo-se registrado tanto o germanismo quanto a preservação, numericamente palpável, da germanidade. Esses fatos mostram que não é fácil apresentar explicações consistentes para aquilo que aqui está em discussão. Por esse motivo, abre-se mão de qualquer pretensão interpretativa, para ficar num nível puramente descritivo de alguns fatos e aspectos ilustrativos.

Se a manutenção da língua por um percentual significativo da população e certo grau de endogamia podem ser parcialmente explicados como resultado de uma tendência natural do ser humano em viver assim como sempre viveu, há outros elementos que decorreram de decisões do conjunto ou de parcelas da população. E, em relação a esse aspecto, cabe lembrar, em primeiro lugar, o associativismo recreativo-cultural, destinado a fomentar dois costumes supostamente típicos da mentalidade alemã, a *Geselligkeit* e a *Gemütlichkeit*.¹⁶ Um dos maiores clássicos sobre a história de alemães e descendentes no Rio Grande do Sul, Jean Roche (1969, p. 643), sugere que “durante os primeiros decênios, os imigrantes haveriam tido apenas preocupações materiais..., teriam lutado só para sua ‘sobrevivência biológica’”, mas que a partir da segunda metade do século XIX teriam

50 km de sua residência, só para encontrar uma moça de outro *grupo*, para se “misturar”. Por outro lado, porém, tenho insistido que dessa situação não derivou, necessariamente, um – muitas vezes pressuposto como óbvio – isolamento *cívico*, no sentido de que essa população não tivesse consciência de sua cidadania brasileira. Infelizmente, também este aspecto não pode ser desenvolvido aqui.

¹⁶ A primeira dessas palavras significa sociabilidade, a segunda costuma ser traduzida por aconchego, ainda que esta palavra portuguesa não consiga reproduzir por completo o sentido original.

aparecido instituições de sociabilidade, algumas das quais persistem até hoje, e reivindicam ser as mais antigas do país – como a Sociedade Orfeu, de São Leopoldo, criada em 1858 (RAMOS/FIALKOW/EGGERS, 1998; RAMOS, 2000, p. 84-118).

Como indica o nome, a sociedade de São Leopoldo foi criada para cultivar o canto – lá nos primórdios, obviamente, o canto alemão. As sociedades de canto, com seus corais, tiveram papel importante de intercâmbio entre regiões, pois a promoção de festivais esteve bastante difundida, sob coordenação de uma Liga Alemã de Cantores (*Deutscher Sängerbund*) (EWALD, 2011). Mas o sistema de associações abarcou muitas outras atividades de cultura e lazer, cabendo papel de destaque aos esportes. Mesmo que, no senso comum, o Grêmio Football Porto-Alegrense costume ser referido como clube *alemão*, trata-se de apenas meia-verdade, pois nunca foi um time declaradamente vinculado a determinado grupo étnico, ainda que houvesse 23 sobrenomes alemães entre os 31 fundadores. O time expressamente “alemão” foi a *Fuss-Ball-Mannschaft Frisch Auf* (Equipe de Futebol Avante), que, fundada em 1908, ficou eclipsada com a Primeira Guerra Mundial, mas marcou presença no futebol porto-alegrense. Sua *germanidade* estava dada pelo fato de estar vinculada ao *Turnerbund*, à Sociedade Ginástica, hoje Sogipa. Outra equipe que tinha certa conotação *alemã* foi o Esporte Clube São José, pois vinculado à comunidade católica de mesmo nome, historicamente conhecida como “dos alemães” (SOARES, 2014). Faltam estudos sistemáticos sobre a existência e o caráter étnico, ou não, de times de futebol nas regiões de colonização alemã pelo interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, mas há motivos para pressupor que o futebol não foi um fator de grande importância na preservação da germanidade.

Essa afinidade pode ser verificada, de forma mais clara, quando se trata de outras modalidades esportivas. Se alguém fala de punhobol ou *Faustball*, de remo ou *Ruder*, sociedades de atiradores ou *Schützenvereine*, de ginástica ou *Turnen*, não há dúvida de que a “colônia alemã” esteve envolvida nisso, que esses elementos exerceram algum papel na manutenção da germanidade. Três autores têm dedicado pesquisas a esse tema, destacando a vinculação com o fomento e a manutenção do “caráter alemão”, no Sul do Brasil: Janice Zarpellon Mazo (2003),¹⁷ Leomar Tesche (1996, 2001, 2009, 2011, 2012), Lothar Wieser (1988, 1990, 2004). Os efeitos dessas práticas esportivas podem ser comparados aos da música, pois proporcionavam intenso intercâmbio entre regiões, com olimpíadas regulares, os *Turnfeste*, com um jornal que sobreviveu por décadas, *Turnblätter* (Folhas da Ginástica). Jogos e ginástica até estiveram envoltos em certo grau de misticismo, com o cultivo de figuras emblemáticas, como um *Turnvater*, um pai da ginástica, o alemão Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), que era homenageado por aqui em sessões solenes. O escotismo gaúcho tem muito a ver com toda essa prática. Sem serem mistificados, ginastas como o professor Georg Black eram conhecidos, em todo o Rio Grande do Sul, como incentivadores da prática esportiva. Claro, essas associações apresentavam um grau de sofisticação diretamente proporcional ao tamanho do núcleo urbano em que estavam inseridas. Nas picadas rurais, proliferavam associações de canto, de baile (em que as “bandinhas típicas” se desdobravam), de tiro ao alvo, mas os colonos exercitavam-se mais na enxada e no arado que na ginástica.

¹⁷ Cabe destacar que esta autora possui uma obra variada sobre o assunto, além de ter orientado trabalhos de discipula(o)s que estudaram temas afins.

Cabe lembrar que, intimamente ligado ao associativismo urbano, ganharam destaque algumas figuras que lideravam, incentivavam e elaboravam ideias justificadoras para esse modo de ser. Haike Roselane Kleber da Silva (2006) fez um estudo sobre uma dessas figuras, J. Aloys Friederichs, o qual promoveu, por mais de 20 anos, uma reunião cívico-cultural de uma *Bismarckrunde*, um “Círculo Bismarckiano”, no dia de aniversário do estadista alemão (FRIEDERICHS, 1929; TELLES, 1974). Mas não se pense que só alemães ou descendentes exerceram esse tipo de papel, a história do Rio Grande do Sul registra várias figuras de origem “tipicamente” brasileira, que aparecem como entusiastas defensores do “mundo alemão” regional – a título de exemplo, citem-se o cearense José Fernando Carneiro e o alegretense Leandro Silva Telles.

Após algumas tentativas fracassadas para implantar uma imprensa de Língua Alemã, em anos anteriores, ela começou a firmar-se nesta década de 1860, expandindo-se ao longo de oito decênios, até ser extinta na crise da Segunda Guerra Mundial. Quanto a esse meio de comunicação, é difícil avaliar sua importância como fator de “germanização”, pois faltam dados confiáveis sobre o número de exemplares distribuídos e a repercussão de seu conteúdo. De qualquer forma, a simples existência prolongada sugere uma relativa eficácia. Deve-se destacar que se tratava de grandes jornais “normais”, que não se distinguiam de jornais em Língua Portuguesa, a não ser pelo idioma em que eram publicados.¹⁸ *Blumenauer Zeitung*, *Der Urwaldsbote*, *Deutsche Zeitung*, *Deutsche-Post*, *Deutsches Volksblatt*, *Joinvillenser Zeitung*, *Kolonie*, *Kolonie-Zeitung*, *Neue*

¹⁸ Deixa-se de considerar, aqui, a “pequena imprensa”, isto é, as publicações ligadas ao citado associativismo. Grupos e instituições recreativo-culturais, educacionais, eclesiais, cooperativos costumavam ter algum tipo de “folha”.

Deutsche Zeitung, Serra-Post, Vaterland são títulos dessa tradição de “grande imprensa” em Língua Alemã no Sul do Brasil (GEHSE, 1931; DREHER/RAMBO/TRAMONTINI, 2004).

Um instrumento impresso que, com certeza, teve a ver com germanismo e germanidade foram os almanaques. As igrejas tinham o seu, associações recreativo-culturais (nesse sentido, cabe destacar aquele do *Musterreiter-Club*, a “Associação de caixeiros-viajantes”, em Porto Alegre), mas eram muito conhecidos, sobretudo, aqueles editados pelos jornais. A título de exemplo, cite-se o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Almanaque para os alemães no Brasil), ligado ao jornal *Deutsche Post*, de São Leopoldo, o qual pode ser citado como representativo por sua pregação germanista, mas também por seu nível de difusão, pois dele temos informações confiáveis, da década de 1920, sobre o número de exemplares anuais impressos e vendidos – 30.000 (GERTZ, 2002, p. 35). Temos relatos de que a leitura desse tipo de publicação costumava ser feito em família, de forma que o número de pessoas atingidas se multiplicava, ainda mais que, provavelmente, os exemplares eram emprestados para parentes ou vizinhos.¹⁹

Não há dúvida de que não se pode falar de germanismo e germanidade no Sul do Brasil, sem fazer referência ao campo religioso, a Igrejas, a pastores, a padres. Como consta que entre os imigrantes vindos da Alemanha para o Brasil tivessem predominado os luteranos, começemos por eles. Desde o início, vieram pastores alemães para prestar serviços religiosos, ainda que sua presença fosse esparsa, de forma que muitos lugares ficaram sem atendimento através de clérigos formados, fato que

¹⁹ Sobre os *Kalender* (almanaques), seu conteúdo e sua relação com germanismo e germanidade (cf. GRÜTZMANN, 2002a, 2002b, 2004a, 2004b, 2004c, 2008, 2016).

gerou a disseminação daquilo que pastores que vieram mais tarde classificaram (pejorativamente) como “pseudopastores”, mas que hoje são conhecidos como “pastores-colonos”, isto é, leigos que assumiram o papel de atendentes das comunidades. Lá para o final do século XIX, o maior afluxo de pastores da Alemanha gerou certa normalização e o surgimento de instituições eclesiásticas denominadas sínodos (DREHER, 1984; PRIEN, 2001).

Considerando que em Santa Catarina, por conjunturas específicas, havia dois sínodos ligados à Alemanha, fiquemos no Sínodo Riograndense, que pode exemplificar a relação entre religião e germanismo/germanidade. Ele teve como fundador (no final do século XIX) e depois (nas décadas de 1930-1950) como pastor-presidente dois dos mais destacados germanistas gaúchos, Wilhelm Rotermund e Hermann Dohms (DREHER, 2014, 1984, p. 109-125, 2011). Até a Segunda Guerra Mundial, quase todos os seus pastores eram alemães, muitos dos quais o encaravam como uma igreja étnica, uma *Volkskirche*. Isso fazia com que o sínodo fosse visto, por parcela significativa da opinião pública gaúcha e brasileira, como uma das instituições mais típicas e responsáveis pela preservação da germanidade. Após a crise da guerra, lideranças da própria instituição fizeram esta mesma autoavaliação, e proclamaram a necessidade de sair do “gueto” e a deixar de ser a “igreja dos alemães” (SCHÜNEMANN, 1992; BEHS, 2001).

Além desse sínodo, havia, desde o início do século XX, um Sínodo Missouri, que tinha sua base maior no Rio Grande do Sul, mas cuja atividade extrapolava os limites do estado. Ao contrário do anterior, possuía vínculos institucionais com seu homônimo nos Estados Unidos, e um dos aspectos destacados como diferenciais era seu descompromisso com germanismo e

germanidade, chegando-se a dar destaque ao fato de incluir uma comunidade negra, em Canguçu, no sudeste do estado. De fato, porém, a massa de seus membros era constituída de alemães e descendentes, e a maioria de suas comunidades se localizava nas regiões típicas de colonização; além disso, alguns de seus pastores eram alemães, mesmo que predominassem os estado-unidenses, ainda que de descendência alemã. Com isso, apesar de algumas tentativas em contrário, a língua usual das atividades nas comunidades era o alemão. Assim, apesar de que entre a opinião pública e autoridades houvesse aqueles que louvassem este sínodo como verdadeiramente brasileiro, as desconfianças em relação a ele, durante a Segunda Guerra Mundial, não ficaram ausentes, e ao menos dois de seus pastores foram condenados, por suposta ou efetiva traição ao Brasil, como “germanófilos” fanáticos, a penas às quais nenhum pastor do Sínodo Riograndense foi condenado (MARLOW, 2006, 2013).

Restam os católicos. Desde o início, os jesuítas estiveram presentes – ao menos no Rio Grande do Sul –, mas essa presença se adensou na segunda metade do século XIX, quando, em função da política de Bismarck, eles tiveram de deixar a Alemanha. Apesar de que os católicos, em tese, se inserissem na Igreja nacional brasileira, os jesuítas tinham um *status* especial dentro da Igreja católica universal, subtraindo-se, em certa medida, ao controle das autoridades eclesiástico-nacionais, pois diretamente subordinadas ao papa. Com isso, tiveram relativa autonomia para estabelecer sua política de atendimento às comunidades originárias da imigração/colonização alemã. Até aproximadamente 1930, quase todas as comunidades católicas nas regiões de colonização alemã foram atendidas por padres jesuítas (RAMBO, 2013; SILVA, 2003). Nem todos se posicionavam

como defensores do germanismo, mas não há dúvida de que, com sua atuação por aqui, alguns dos mais destacados germanistas gaúchos fossem católicos – cite-se a família Metzler, proprietária da Tipografia do Centro, talvez a maior divulgadora de material impresso católico em Língua Alemã no Brasil, o político e escritor Leopoldo Petry, e, no campo clerical, aquele que foi um dos mais atuantes ideólogos do direito à germanidade, o padre jesuíta Balduino Rambo (ARENDR, 2007, 2009).²⁰

*

Os indícios de uma suposta ou efetiva sobrevivência de traços de germanidade no Sul do Brasil tiveram efeito não só interno, mas também internacionalmente, dando origem a uma campanha contra o “perigo alemão”, que se estendeu, grosso modo, de 1870 a 1945. Nessa campanha, não se envolveram apenas “francófilos” (ARBIVOHN, 1914), mas até conhecidos “germanófilos” brasileiros, como o citado Sylvio Romero.²¹ Políticos e intelectuais de vários países alertaram para os interesses imperialistas que a Alemanha teria em relação ao Sul do Brasil, onde imigrantes e descendentes teriam se mantido “alemães”, apegados ao seu país de origem e, portanto, constituindo uma potencial cabeça-de-ponte para uma ocupação político-militar. A historiografia acadêmica produziu considerável bibliografia a respeito, mas não é possível segui-la aqui.²² Fato é que a Segunda Guerra Mundial representou um momento de

²⁰ Em função do conteúdo de outros textos deste livro, deixa-se de fazer, propositalmente, referências à área da educação, muito frequentemente vinculada a instituições religiosas católicas e luteranas.

²¹ Naturalmente, também houve “germanófilos” que defenderam a Alemanha e os “alemães” no Brasil (cf. PORTO ALEGRE, 1915).

²² Veja-se, a respeito: VOGT, 1964; HELL, 1966; HARMS-BALTZER, 1970; BRUNN, 1971; SCHULZE, 2006; 2016; UNNERSTALL, 2007.

inflexão naquilo que tange a este aspecto – por um lado, o Estado brasileiro levou a efeito sua incisiva “campanha de nacionalização”, por outro lado, não soava mais plausível falar em intenções político-militares da Alemanha em relação ao Sul do País.

Faltam estudos consistentes sobre germanismo e germanidade no pós-guerra. Sem dúvida, uma parcela da população, sobretudo urbana, tomou decisões drásticas de, por exemplo, proibir que se voltasse a falar uma só palavra em alemão, dentro de casa. Em zonas rurais ou povoados, a língua foi retomada. Tentativas para retomar o germanismo, a fim de preservar a germanidade, também aconteceram. Assim, logo após a guerra, desencadeou-se uma ação interconfessional denominada “Socorro Europa Faminta”, destinada a angariar dinheiro, roupas e alimentos para a população da Alemanha. Historiadores que se dedicaram ao estudo dessa iniciativa destacam que, subjacente a ela, havia uma preocupação em reanimar a “vida alemã” por aqui (FERNANDES, 2005, 2015, p. 413-429; GOODMAN, 2015, p. 113-185). Nesse contexto, tentou-se criar Centros Culturais 25 de Julho²³ – depois, uma Federação dos mesmos – e um jornal específico para a causa, editado em São Paulo, a *Brasil-Post* (WOLFF, 2010), já que a “grande imprensa” em Língua Alemã não ressurgiu no pós-guerra.

Há, porém, dificuldades em avaliar esse processo, naquele período. Em pequeno estudo recente (GERTZ, 2018), foi possível mostrar, de forma clara, que, apesar de que a mais representativa entidade promotora do germanismo, a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, estivesse numa crise profundíssima,

²³ A data, obviamente, se refere ao desembarque dos primeiros alemães em São Leopoldo, em 1824.

registraram-se, em 1956, os maiores festejos do “25 de Julho” desde a guerra – talvez maiores que os do centenário, em 1924 (WEBER, 2004). Mas, com certeza, não foi a Federação a responsável por isso. É que aí entraram fatores e lógicas de outra ordem. O episódio ainda precisa ser estudado, mas é possível levantar algumas hipóteses: Juscelino Kubitschek havia vencido a eleição de 1955 provavelmente graças à candidatura de Plínio Salgado, do PRP, que tinha adeptos nas “colônias” alemã e italiana do Rio Grande do Sul;²⁴ ao assumir a presidência da República, em janeiro de 1956, tentou cumprir uma promessa de campanha, trazendo montadoras de veículos, que incluíam a Volkswagen; no Rio Grande do Sul, Leonel Brizola havia vencido a eleição a prefeito de Porto Alegre, e desenvolvia sua estratégia para lançar-se candidato a governador, em 1958 – para isso, foi se aproximando do PRP; neste contexto, não deixa de ser significativo o fato de que o grande líder dos festejos tivesse sido o prefeito Paulo Couto, de São Leopoldo, pertencente ao PTB de Brizola. Portanto, uma lógica de interesses políticos gerais, inclusive de âmbito nacional, pode explicar a suposta ou efetiva promoção da germanidade, através dos referidos festejos – *e não o germanismo*.

Recentemente, Glen Goodman (2018) descreveu outro fenômeno de “germanização”, na década de 1960. Na tentativa de ocultar tudo que lembrasse “estrangeiros” ou “alienígenas”, durante a Segunda Guerra Mundial, a política turística do Rio Grande do Sul vinha propagandeando o churrasco como a grande característica culinária típica do estado; na década de 1960,

²⁴ Em 1957, JK convidou o político gaúcho Wolfram Metzler, do PRP, para assumir a presidência do INCRA, mas ele não tomou posse, porque morreu na véspera. Apesar de urbano, apresentava-se como representante da “colônia” (aqui no sentido de pequena propriedade agrária) (TONINI, 2003).

formuladores de uma política nacional de turismo começaram a insistir, porém, para que se abandonasse a “monocultura” do churrasco, em favor de uma diversificação com outros elementos existentes por aqui – surgindo daí a hoje intensa cultura do “café colonial”, tipicamente “alemão”. Nara Simone Roehe (2005) tentou apresentar uma explicação semelhante (interesses político-econômicos) para os grandes festejos promovidos no “sesquicentenário da imigração alemã”, em 1974. Maria Bernadete Ramos Flores (1997) mostrou como o lançamento do *Oktoberfest* em Blumenau foi usado para tentar injetar ânimo na população, após a tragédia causada por enchentes, em 1983/84. Roswithia Weber (2006) estudou o fomento da germanidade como chamariz turístico para a “Rota Romântica” gaúcha. Todos esses exemplos têm pouco a ver com germanismo. São, antes, táticas utilizadas para atingir objetivos políticos²⁵ e socioeconômicos.

*

A suposta ou efetiva manutenção da germanidade no Sul do Brasil gerou dois grandes momentos de crise, um durante a Primeira Guerra Mundial (LUEBKE, 1987; BONOW, 2011), outro, mais agudo e prolongado, no contexto da Segunda Guerra Mundial (LENZI, 1940; FARIAS, 1941; MÜLLER, 1994; NEUMANN, 2003; PETRY, 2003). Essas crises tiveram como pano de fundo uma convicção, muito difundida no senso comum, mas também entre políticos e intelectuais, de que a população de origem alemã representava um perigo, tanto para a consolidação interna da nação brasileira quanto para a integridade territorial do País. De concreto, porém, supostas evidências, em geral, são muito frágeis. E, em contrapartida, não há registros de que a massa dessa

²⁵ Cf. também Lima (2017).

população tenha tido qualquer dúvida quando se tratava de assumir sua lealdade cívica em relação ao Brasil – nesse sentido, seja aqui apenas lembrada a participação numericamente não desprezível de “teuto-brasileiros” na Força Expedicionária Brasileira que foi lutar na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial (IERVOLINO, 2011). A Língua Alemã continua sendo falada por uma parcela desses cidadãos (AZAMBUJA, 2016), sobrevive uma identidade étnica classificada como “alemã” (CORREA, 2001; MALTZAHN, 2011), grupos de danças folclóricas com nomes alemães existem (SANTOS, 2017), mas muitas das consequências daí derivadas pelo senso comum sobre efeitos negativos dessas práticas ou até qualidades desabonadoras inatas nessas pessoas – como, por exemplo, um nível de racismo supostamente muito superior que entre a população brasileira como um todo – costumam não resistir a tentativas de refutação, no sentido popperiano. Não que não haja problemas, mas os riscos de exagero não são pequenos. Por isso, é louvável a iniciativa empreendida neste livro, de retomar o debate a respeito. Sejam modestos nas conclusões, acumulemos dados concretos, objetivos, e submetamos a testes de refutação mesmo as hipóteses aparentemente mais lógicas, mais óbvias.

Referências

ARBIVOHN (pseud.). **O perigo prussiano no Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1914.

ARENDR, I. C. Pe. Balduíno Rambo e a revista Sankt Paulusblatt: afirmação de defesa da germanidade. *In*: RAMBO, A. B.; GRÜTZMANN, I.; ARENDR, I. C. **Pe. Balduíno Rambo – a pluralidade na unidade**: memória, religião, ciência e cultura. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2007. p. 171-187.

ARENDDT, I. C. Escritos do Pe. Balduino Rambo: representação de si através da negação do outro. *In: Cotidiano e identidade*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 6-12.

AZAMBUJA, L. I. B. **Deutsch in Santa Cruz (do Sul)**: Studium und Analyse der gegenwärtigen Situation der Sprache. 2016. Tese (Doutorado em Ciência Empírica da Cultura) – Universidade de Tübingen, 2016.

BEHS, E. **O processo de abasileiramento da “Igreja dos alemães”**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

BIEHL, J. G. **Jammerthal, the Valley of Lamentation – the Mucker war**: a contribution to the history of local germanism in 19th century southern Brazil. 1996a. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade da Califórnia, Berkeley, 1996a.

BIEHL, J. G. Uma tribo que pensa e negocia em alemão: uma contribuição à história evangélica do germanismo no sul do Brasil, século 19. *In: FISCHER, L. A.; GERTZ, R. E. (org.). Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996b. p. 227-237.

BONOW, S. C. **A desconfiança sobre as comunidades germânicas de Porto Alegre durante a Primeira Guerra Mundial**: cidadãos leais ou retovados? 2011. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRUNN, G. **Deutschland und Brasilien (1889-1914)**. Colônia: Böhlau Verlag, 1971.

CORREA, S. M. de S. **Zur ethnischen Identität der Deutschstämmigen in Santa Cruz do Sul/Brasilien**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

DREHER, M. N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/EST, 1984.

DREHER, M. N. **Hermann Gottlieb Dohms**: textos escolhidos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

DREHER, M. N.; RAMBO, A. B.; TRAMONTINI, M. J. (org.). **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST Edições, 2004.

DREHER, M. N. **Wilhelm Rotermund**: seu tempo – suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014.

EWALD, W. **Walking and singing and following the song**: musical practice in the acculturation of German Brazilians in South Brazil – ethnomusicological and historical perspectives. Saarbrücken: VDM Verlag Dr. Müller GmbH & Co. KG, 2011.

FARIAS, O. C. de. **Nacionalização (dois discursos)**. Porto Alegre: [s. n.]. [1941].

FERNANDES, E. **SOS Europa Faminta**: Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FERNANDES, E. **Guilherme Gaelzer Neto (1874-1959)**: o *Kaiser* dos trópicos. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FLORES, M. B. R. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FRIEDERICHS, J. A. **Die Bismarckrunde in Porto Alegre**. Porto Alegre: Typographia Mercantil, 1929.

GEHSE, H. **Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart**. Beitrag zur Geschichte und zum Aufgabenkreis auslanddeutschen Zeitungswesens. Münster: Aschendorffsche Verlag, 1931.

GERTZ, R. E. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, R. E. **O neonazismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs/AGE, 2012.

GERTZ, R. E. Imigração, história, literatura: a Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: IHGRGS, n. 152, p. 97-113, 2017.

GERTZ, R. E. As comemorações do 25 de Julho de 1956, no Rio Grande do Sul. In: ZANOTTO, G. (org.). **Anais do IV Congresso Internacional História, Regiões e Fronteiras**. Passo Fundo: UPF, 2018. p. 965-976.

GOODMAN, G. S. **From “German danger” to German-Brazilian President**: immigration, ethnicity, and the making of Brazilian identities, 1924-1974. 2015. Tese (Doutorado em História) – Emory University, Atlanta, 2015.

GOODMAN, G. S. Consuming the café colonial: German ethnicity and tourist migrant marketplaces in Southern Brazil. **Global Food History**, Universidade de Toronto, v. 4, n. 1, p. 40-58, 2018.

GRÜTZMANN, I. “Deus, germanidade e pátria”: a presença do germanismo no *Kalender für die deutschen evangelischen Gemeinden in Brasilien*. In: DREHER, M. N. (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST Edições, 2002a. p. 308-334. v. 1.

GRÜTZMANN, I. Lições e representações de almanaque em torno de uma identidade teuto-brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 4., 2002b, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 2002b, p. 1-8.

GRÜTZMANN, I. O almanaque *Der Heimatbote*: histórias, informações e notícias em língua alemã. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS, 6., 2004a, São Leopoldo: Oikos. **Anais [...]**. São Leopoldo, 2004a, p. 160-177.

GRÜTZMANN, I. O almanaque (*Kalender*) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (org.). **Imigração & Imprensa**. Porto Alegre: EST Edições, 2004b. p. 48-90.

GRÜTZMANN, I. Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941). In: SIDEKUM, Antônio (ed.). **Às sombras do carvalho**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004c. p. 177-254.

GRÜTZMANN, I. Literatura de expressão alemã no Brasil em almanaques (1874-1941): uma introdução ao tema. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (org.). **Campos múltiplos: identidade, cultura e história. Festschrift em homenagem ao prof. Arthur Blásio Rambo**. São Leopoldo: Nova Harmonia/Oikos, 2008. p. 285-314.

GRÜTZMANN, I. “Por Deus, Pátria, Família”: integralismo, germanismo e nacional-socialismo no almanaque *Der Heimatbote* (1935; 1937-1938). In: SILVA, Giselda Silva; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício (org.). **História da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 117-216.

HARMS-BALTZER, K. **Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1930-1938**. Berlim: Colloquium Verlag, 1970.

HELL, J. **Die Politik des Deutschen Reiches zur Umwandlung Südbrasieliens in ein überseeisches Neudeutschland (1880-1914)**. 1966. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Rostock, Rostock, 1966.

IERVOLINO, A. P. **A participação de teuto-brasileiros na FEB (1944-1945): memória e identidade**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2011.

LENZI, B. R. (org.). **Semana da Pátria 1940**. Porto Alegre: [s. n.], 1940.

LIMA, T. de. **Os “usos políticos do passado” nas comemorações oficiais do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul (1974-1975)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

LUEBKE, F. C. **Germans in Brazil: a comparative history of cultural conflict during World War I**. Louisiana: Louisiana State University Press, 1987.

MALTZAHN, P. C. **A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MARLOW, S. L. **Nacionalismo e Igreja: a Igreja Luterana – Sínodo Missouri – nos “porões” do Estado Novo**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

MARLOW, S. L. **Confessionalidade a toda prova: o Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e a questão do germanismo e do nacional-socialismo alemão durante o governo de Getúlio Vargas no Brasil**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2013.

MAZO, J. Z. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Universidade do Porto, 2003.

MOOG, V. **Um rio imita o Reno**. Porto Alegre: Globo, 1939.

MÜLLER, T. L. (org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1994.

NEUMANN, R. M. **Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor!:** as colônias germânicas e a campanha de nacionalização. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

OBERACKER, K. **Die volkspolitische Lage des Deutschtums in Rio Grande do Sul (Südbrasilien).** Jena: Verlag von Gustav Fischer, 1936.

OBERACKER JUNIOR, C. H. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira.** Rio de Janeiro: Presença, 1968.

PETRY, A. H. **É o Brasil gigante, liberto do estrangeiro, uno coeso e forte, o Brasil do brasileiro!...:** campanha de nacionalização efetivada no Estado Novo. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

PORTO ALEGRE, Augusto. **A defeza da Allemanha e dos allemães do sul do Brasil.** Rio de Janeiro: Pap. e Typ. Sportiva, 1915.

PRIEN, H.-J. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil:** das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2001.

RAMBO, A. B. (trad.). **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924).** São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2005.

RAMBO, A. B. **Jesuítas no sul do Brasil:** o projeto pastoral. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2013.

RAMOS, E. H. C. da L.; FIALKOW, M. Z.; EGGERS, J. Cs. **Sociedade Orpheu:** da história de um nome à identidade de um clube. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, 1998.

RAMOS, E. H. C. da L. **O teatro da sociabilidade:** um estudo dos clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930. 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969.

ROEHE, N. S. V. R. **O sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul em 1974 como corolário das relações econômicas Brasil-Alemanha.** 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROMERO, S. **O alemanismo no sul do Brasil**: seus perigos e meios de os conjurar. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro, 1906.

SANT'ANNA, S. B. B. **A história palinódica (migrações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira)**. 1991. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 1991.

SANT'ANNA, S. B. B. O fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão. **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 129/131, p. 19-30, 1993/1994.

SANTOS, G. J. dos. **Embates na cultura**: danças folclóricas alemãs e o grupo de danças do Centro Cultural *Eintracht* – Campo Bom/RS (1980-2017). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

SCHNEIDER, A. L. **Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil**. São Paulo: Anablume, 2005.

SCHULZE, F. **Protestantismus und Deutschtum in Rio Grande do Sul (Brasilien) am Beispiel des Inspektionsberichts von Martin Braunschweig (1864-1908)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Freie Universität Berlin, 2006.

SCHULZE, F. **Auswanderung als nationalistisches Projekt**: “Deutschtum” und Kolonialdiskurse im südlichen Brasilien (1824-1945). Colônia: Böhlau Verlag, 2016.

SCHÜNEMANN, R. **Do gueto à participação política**: o surgimento da consciência sócio-política da IECLB entre 1960 e 1975. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEYFERTH, G. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: IUPERJ, v. 25, p. 3-55, 1988.

SEYFERTH, G. A Liga Pangermânica e o perigo alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis. **História: Questões e Debates**, Curitiba: APAH, v. 10, n. 18/19, p. 113-155, 1990.

SEYFERTH, G. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã no Estado brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: ANPOCS, ano 9, n. 26, p. 103-122, 1994a.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. *In*: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994b. p. 11-27.

SILVA, H. R. K. da. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**: a história de uma liderança étnica (1868-1950). São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, N. S. T. da. **A compreensão jesuítica da identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul**: instrumento (de poder) do Projeto de Restauração Católica regional (1872-1961 – Rio Grande do Sul). 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

SOARES, R. S. **O foot-ball de todos**: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TELLES, L. S. A Bismarckrunde em Porto Alegre. *In*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL, 1., 1974, São Leopoldo. **Anais** [...]. São Leopoldo, 1974, p. 191-219.

TESCHE, L. **A prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul**: 1867-1942. Ijuí: Ed. da Unijuí, 1996.

TESCHE, L. **O Turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul**: 1852-1940. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2001.

TESCHE, L. A prática do *Turnen* entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942. *In*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO: COTIDIANO E IDENTIDADE, 12., 2009, São Leopoldo. **Anais** [...]. São Leopoldo: Oikos, 2009.

TESCHE, L. (org.). **Turnen**: transformações de uma cultura corporal europeia nas Américas. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2011.

TESCHE, L. A trajetória das atividades físicas do imigrante alemão – o *Turnen* como elemento cultural no Rio Grande do Sul/Brasil. *In*: RAMOS, E. H. C. a da L.; ARENDT, I. C.; WITT, M. (org.). **A história da imigração e sua(s) escrita(s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 1176-1193.

TONINI, V. M. **Uma relação d amor e ódio**: o caso Wolfram Metzler (1932-1957). Passo Fundo: UPF, 2003.

UNNERSTALL, N. **Die Konstruktion des "Auslandsdeutschtums" am Beispiel Brasiliens bis 1914**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Westfälische Wilhelms-Universität, Münster, 2007.

VOGT, J. **Deushtum and the German peril in Brazil, 1890-1914**. Charlottesville: University of Virginia, 1964.

VOIGT, A. F. **A invenção do teuto-brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VOIGT, L. **O devir e os sentidos da memória de descendentes de alemães em Santa Catarina**: um esboço de uma sociologia da memória. Porto Alegre: Luminária Acadêmica, 2017.

VOIGT, L. **O espaço de práticas do folclore "alemão" autêntico no Brasil**: um estudo de sociologia da cultura e das elites. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

WEBER, R. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul**: o "25 de Julho" em São Leopoldo, 1924-1949. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

WEBER, R. **Mosaico identitário**: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica-RS. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

WIESER, L. Zu den Anfängen des deutschen Turnens in Brasilien / O início da ginástica alemã no Brasil. **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 36, p. 105-116, 1988.

WIESER, L. **Deutsches Turnen in Brasilien**. Deutsche Auswanderung und die Entwicklung des deutsch-brasilianischen Turnwesens bis zum Jahre 1917. Londres: Arena Publications Limited, 1990.

WIESER, L. Treue Pflege unseres Deuschtum und treue Vaterlandsiebe zu Brasilien: J. Aloys Friederichs und das deutsche Turnen in Brasilien. *In*: HOFMANN, A. R.; KRÜGER, M. (ed.). **Südwestdeutsche Turner in der Emigration**. Schorndorf: Hoffmann-Verlag & Co., 2004. p. 203-218.

WOLFF, M. Die Stellung der ethnischen Presse im Prozess der Indentitätskonstruktion ihrer Leser: eine inhaltsanalytische Untersuchung am Beispiel der *Brasil-Post*. Hamburgo: Verlag Dr. Kovač, 2010.

As escolas luteranas e o pertencimento étnico alemão-pomerano na Serra dos Tapes (1848-1938)

Patrícia Weidushadt

Introdução

Esse artigo discute o pertencimento étnico alemão-pomerano¹ disseminado pelas escolas luteranas no contexto imigratório da Serra dos Tapes e como essa escolarização fortaleceu o princípio da germanidade. Pode-se afirmar que as instituições luteranas oficiais, e até mesmo as organizações comunitárias independentes e suas escolas, não tinham como parte de seu projeto educativo-religioso a valorização da cultura e da língua pomerana. A língua utilizada na escola e na igreja era a alemã, o que se justificava tanto por questões ideológicas –, em virtude do germanismo ou do chamado *Deutschtum*² – quanto por questões religiosas –, em função do preceito defendido por Martinho Lutero de compreender a Bíblia e o catecismo na linguagem germânica.

Mesmo nesse contexto, os pomeranos continuaram a perpetuar a sua cultura por meio de muitos símbolos, sendo a língua um dos mais fortes, assim como de outras formas de crenças, organização e costumes, que delimitaram uma maneira própria de se mostrar pomerano. Essas manifestações ocorriam

¹ Os pomeranos são imigrantes de descendência alemã oriundos da região denominada Pomerânia. Constituem um grupo étnico com características próprias e peculiares, mantendo língua e costumes diferenciados de outros grupos étnicos alemães. No decorrer deste texto, são apresentados mais elementos significativos sobre essa etnia.

² Conceito discutido por vários estudiosos da imigração alemã, porque não havia uma tradução exata desse termo para o alemão. Significa a valorização da cultura e da Língua Alemã pelos imigrantes, inclusive por aqueles que estavam longe de sua terra natal (SEYFERTH, 2000; GERTZ, 1996).